



Publicação do SPM – Serviço Pastoral do Migrante – jan/17 a jun/17



SUMÁRIO

EDITORIAL - P. 02

SEÇÃO BÍBLIA - P. 03

Mãe terra, um lugar para viver e cuidar.

HISTÓRIAS DA VIDA - P. 04

Mulheres atuantes e resistentes -
Trajetórias que ensinam

VARAL DO MIGRANTE - P. 06

REFLEXÃO - P. 08

Bem viver: outros mundos possíveis

FIQUE POR DENTRO - P. 09

Xenofobia na contramão da contribuição dos
migrantes: para onde caminhamos?

CULTURA E ARTE - P. 11

Poesia
Cultura Regional - Canudos/BA
Tirinha do João

BALAIO - P. 12



Editorial

As migrações são uma constante na história da humanidade. Os motivos que levam as pessoas a emigrar de suas terras são diversos, mas a maioria o faz por causas exteriores como seca, fome, pobreza, escravidão, guerras, perseguições políticas e religiosas e mudanças climáticas.

Por 500 anos, a Europa foi um dos centros de emigrantes em busca de melhores condições de vida. Nos últimos 50 anos, o fluxo se inverteu e as pessoas passaram a buscar a Europa, na esperança de vida melhor. Eram aceitas como mão-de-obra de baixo custo, úteis ao mercado e para ocupações socialmente desvalorizadas.

Os Estados Unidos (EUA) sempre se venderam como a terra da liberdade e da oportunidade para imigrantes. Porém, imigrantes brancos cristãos ou brancos judeus são mais bem vindos que negros, latinos, asiáticos ou brancos maometanos.

A crise econômica de 2008 fez com que os países da Europa e os EUA se fechassem cada vez mais aos imigrantes, aos refugiados: pessoas fugidas de guerras provocadas por esses mesmos países, da miséria causada pela exploração que enriqueceu essas nações.

Os ventos do Norte chegam também ao Sul: a Argentina de Macri já se fechou a seus vizinhos; o Brasil do golpe recusa o visto a milhares de refugiados; haitianos, bolivianos e nordestinos são agredidos. Ainda assim, com o fechamento dos EUA e da Europa, é esperado um aumento de latino-americanos entrando no Brasil em busca de trabalho e vida digna.

O Papa Francisco nos convida a um projeto pastoral com os migrantes baseado em quatro verbos: "acolher, proteger, promover e integrar". São ações que colocam a vida da pessoa em primeiro lugar, e não a sua nacionalidade, etnia ou estatuto jurídico.

A realidade do Brasil exige que nos reorganizemos para abrir caminhos que fortaleçam nossas comunidades e movimentos populares construtores de propostas a partir da realidade vivida pelo povo, em especial pelos migrantes. Não podemos cair em armadilhas de políticos que se apresentam como gestores salvadores da pátria. Não nos calemos diante das injustiças.

O ilegítimo governo Temer e seus aliados estão destruindo os direitos: a reforma da previdência trava a aposentadoria de milhões de brasileiros, a reforma trabalhista e a terceirização acabam com os direitos dos trabalhadores e aumentam o lucro das empresas; a grande imprensa publica manchetes sensacionalistas vinculando os imigrantes ao aumento do desemprego e a violência. Foi e ainda é assim com os nordestinos em São Paulo. Essa discriminação permanece no imaginário social. Expressão disso é a vergonhosa acusação de que nordestino não sabe votar.

Como podemos participar desses processos, a partir de nossas comunidades, grupos e associações na defesa de projetos sustentáveis? Como atuar para o Projeto de Nova Lei Migratória que tramita no Senado Federal possa viabilizar efetivos direitos aos migrantes? Como combater o discurso de ódio que tem se alastrado? Como semear o amor ao próximo e a esperança a todos?

Publicação semestral do SPM –
Serviço Pastoral dos Migrantes
Rua Caiambé, 126 – Ipiranga Cep
04264-060 – São Paulo-SP
Fone: (11) 2063-7064

e-mail: spm.nac@terra.com.br ou
secretaria.spm.nac@terra.com.br

O SPM é um organismo ligado à
Comissão 8 da CNBB. Tem como
Objetivo central articular e dinamizar
a Pastoral dos migrantes
em âmbito Nacional.

Assinaturas:

Normal = R\$ 20,00

Apoio = R\$ 50,00

Exterior = Us\$30,00

O pagamento pode ser feito
através de cheque ao Serviço
Pastoral dos Migrantes
ou depositar na
Conta corrente 12702-9
Agência 0644 - Banco Itaú
ou por vale postal
à agência Ipiranga/SP

Conselho Editorial

Ana Valim

Ana Carolina G. Leite

Ari José Alberti

Cleia de Fátima Silva

Cristóvão Almeida

Daniel Gorte Dalmoro

Jairo Moura Costa

José Carlos Pereira

José Roberval Freire

Maria de Lourdes Bernartt

Mario Geremia

Miguel Angel Ahumada

Patrícia Rivarola

Roberto Saraiva

Teresa Paris B. Holanda

Veridiana Franca Vieira

Arte da Capa:

Sergio Ricciuto Conte

www.sergioricciutoconte.com.br

sergioricciutoconte@gmail.com

Criação, diagramação e impressão:

Renata Lima - A.N. Gráfica - 3975 9262

Tiragem: 1000 exemplares

ESCUTAI OS CLAMORES DA TERRA

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS

Seguindo de perto as pegadas da Campanha da Fraternidade (CF/2017), a Semana do Migrante deste ano tem como tema *Migração, biomas e bem viver*, e como lema *Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Será realizada de 18 a 25 de junho, através de celebrações específicas, encontros, seminários, atividades culturais, romarias, manifestações públicas e outras iniciativas de caráter sociopastoral.

De acordo com o texto-base da CF/2017, o termo bioma representa um ecossistema regional onde se entrelaçam diversas formas de vida – biodiversidade – umas dependendo das outras para a própria sobrevivência. E todas se enriquecem e se defendem reciprocamente com os nutrientes daquele meio ambiente próprio. São seis os biomas brasileiros: Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e Pampa.

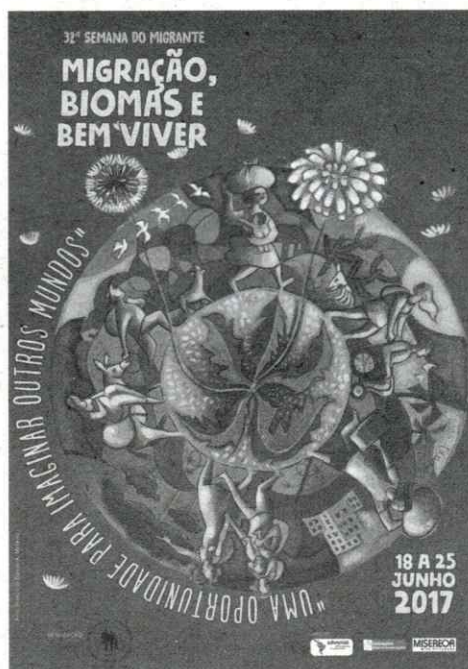
Tanto a Semana do Migrante quanto a CF/2017 nos remetem à carta encíclica *Laudato Si'*, escrita e publicada em junho de 2015 pelo Papa Francisco. Esta encíclica, por sua vez, toma de empréstimo a expressão de São Francisco, de Assis no célebre *Cântico das Criaturas*. Três preocupações básicas permeiam a iniciativa do Santo Padre, da CNBB e do SPM: o evangelho da criação, a ecologia integral e o cuidado com a casa comum. Vejamos uma a uma.

1. Evangelho da criação

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), escrevia o Papa Francisco no início de seu pontificado: “Hoje (...) considera-se o ser humano como um bem de consumo, que se pode usar e jogar fora. Demos início à cultura do ‘descartável’ que, além do mais, vem sendo promovida. Não se trata simplesmente da exploração e da opressão, mas de alguma coisa nova: com a exclusão atinge-se, na sua raiz, a pertença à sociedade na qual se vive. Nessa, não se está nos porões, nas

periferias, ou sem poder, mas se está fora. Os excluídos não são somente ‘explorados’, mas ‘rechaçados’, ‘descartáveis’” (n. 53). O tema será retomado na *Laudato Si'*, onde a própria criação vem reconhecida como uma *boa nova* evangélica, no sentido de considerar a vida em todas as suas formas e potencialidades.

Evidente que a cultura do “descartável” não está no plano de Deus. O primeiro livro da Bíblia fala de “cultivar a criação” (Gn 2,15), não explorá-la acima de seu ritmo e de seus limites naturais. A exclusão social pressupõe, por um lado, o uso abusivo e indiscriminado dos recursos que o Criador



colocou à disposição da vida e, por outro, o desperdício de toneladas e toneladas de alimentos. O resultado dessa combinação funesta e criminosa são os milhões de subnutridos e famintos, obrigados a pôr-se em caminho por todo o planeta. De fato, na pobreza, na miséria e na carência encontram-se os principais motivos da migração forçada, seja ela no interior de um mesmo país, dentro de uma região ou no cruzamento de continentes e oceanos. Defender a criação, cuidar dela, é proteger a sua capacidade de gerar vida em todas as suas formas.

2. Ecologia integral

Os debates sobre a ecologia integral, a preservação do meio ambiente e a economia solidária e sustentável tem atravessado várias décadas. Nestas, assiste-se ao processo crescente, e *negativo*, do aquecimento global, do desflorestamento agressivo, do processo de desertificação e devastação, bem como da poluição do ar e das águas e do consequente desaparecimento de numerosas espécies de vida. Felizmente, com esse processo cresce ao mesmo tempo, e *de forma positiva*, a consciência sobre a necessidade de defender e de cuidar o ritmo de vida no solo da mãe Terra. Os ataques aos ecossistemas naturais são múltiplos e depredatórios. A “economia que mata” – para voltar às palavras do Papa Francisco – lança-se sem escrúpulos e sem freios sobre os recursos naturais, transformando-os em mercadoria. Seu objetivo é a acumulação progressiva de capital, e seu motor é o lucro a qualquer preço. Com isso, muitas vezes, a extração de minério, a criação de gado e produção de carne para exportação, a expansão da cana-de-açúcar, do eucalipto e da soja, entre outros fatores, ao longo do tempo causam a extinção de plantas e animais típicos dos diversos biomas. Atingida a fauna e a flora, atinge-se igualmente a vida humana.

Semelhantes ataques à vida requerem uma defesa redobrada da mesma. Com efeito, diante de cada espécie de vida que desaparece da face da terra, a sobrevivência humana torna-se, ela também, mais frágil. E novamente aqui, a agressão ao meio ambiente é uma das causas da fuga em massa. Na medida em que muitas catástrofes “naturais” se acentuam devido à ação humana – inundações, tornados, secas, furacões, etc. – entra em cena uma nova personagem: o refugiado climático. Hoje já se contam aos milhões. Daí que o cuidado e a defesa dos biomas ou ecossistemas ajuda a promover, além do direito de migrar, também o direito

de permanecer na sua terra natal como cidadão, protegido nos direitos à sua dignidade humana.

3. Cuidado com a casa comum

Guiados ainda pelas palavras do Santo Padre, "o cuidado com a casa comum" (*Laudato Si'*) exige a passagem do viver bem para o bem viver. No *viver bem*, prevalece o egocentrismo de uma geração que utiliza todos os recursos à sua disposição para uma vida de luxo e prazer imediatos. O "hoje, aqui e agora" se sobrepõe à construção de um projeto que leve em consideração e respeite, por um lado, as leis naturais de cada bioma e, por outro, o direito das gerações futuras. O narcisismo hedonista em desfrutar uma vida centrada em si mesmo impede as lições da boa tradição do passado e o planejamento do futuro. Instala-se o império do presente!

O *bem viver*, por outro lado, procura antes o desenvolvimento integral, social e ecologicamente sustentável, para equilibrar

a política econômica e a vida humana com as demais exigências dos biomas e da preservação do meio ambiente. Trata-se aqui de usar a ciência e o progresso técnico para buscar alternativas à economia liberal, onde o lucro e a acumulação ganham prioridade absoluta. Mas se trata, também, de pensar uma vida mais sóbria, frugal e digna, tanto do ponto de vista pessoal, familiar e comunitário, quanto do ponto de vista socioeconômico, político e cultural. Nessa tarefa, as responsabilidades devem corresponder aos danos e possibilidades de cada pessoa, família, grupo, instituição ou país.

Utopia, dirão alguns! Sim, mas uma utopia perfeitamente realizável, ao alcance de nossas mãos. Basta levar a sério duas coisas: primeiramente, de um *ponto de vista negativo*, tomar consciência das causas, consequências e implicações da política econômica atual. Ter presente a ação devastadora do ser humano sobre a natureza e o meio ambiente. Os estragos do capitalismo neoliberal e, em grau menor,

de nosso comportamento, levam milhões de pessoas e famílias à estrada, errantes e apátridas, em busca desesperada de um lugar ao sol.

Em segundo lugar, de um *ponto de vista positivo*, levar em conta a fraternidade entre todos os povos e nações, mas também a solidariedade para com as demais formas de vida e em vista das gerações futuras. Em outras palavras, colher essa "oportunidade para imaginar outros mundos", como se lê no lema da 32ª Semana do Migrante. É essa, de resto, uma das maiores lições dos próprios migrantes, refugiados, prófugos, expatriados, marítimos, etc.... Carregam na mala e na alma uma espécie de mística ou espiritualidade do caminhante. Da mesma forma que os patriarcas bíblicos, aventuram-se pelas veredas do grande sertão, com a fé e a esperança de encontrar o sol, o ar livre e o direito a uma verdadeira cidadania – mesmo sabendo que todos somos estrangeiros na terra a caminho da pátria definitiva.

HISTÓRIAS DA VIDA

MULHERES ATUANTES E RESISTENTES – TRAJETÓRIAS QUE ENSINAM

ANA VALIM



Izabel de Maria, 66 anos, maranhense, neta de índio. Chegou no Rio de Janeiro em 1972, para ser empregada doméstica no Meyer.



Hellen, 70 anos, viveu na selva de Uganda, sul da África, fugiu com oito anos de lá. Chegou no Rio de Janeiro, na década de 1990. Morou na ocupação do Caboclo. O destino delas se cruzou na luta pela sobrevivência e liberdade. Elas falaram de suas trajetórias para os participantes da Reunião ampliada do SPM, realizada no dia 28/11/2016 no Rio de Janeiro.

IZABEL: "O que me fez vir para cá? Naquela época não tinha as facilidades que tem hoje, na roça estava tudo devastado, acabando-se. Todo mundo vendendo as terras, já não tinha mais onde trabalhar com meus pais e, como doméstica não tinha valor. Mas precisava manter meus dois filhos depois que me separei. Uma maranhense que trabalhava no Rio me convidou para trabalhar em uma casa de família no Meyer. Vim com água e meia dúzia de banana, dois dias e duas noites de viagem. Ali fiquei dois anos, depois fui para Campo Grande ser cuidadora de pessoas idosas, por 20 anos, onde sofri um acidente na casa de repouso, meus joelhos se acabaram. Saí de lá aposentada. Deus sempre me abençoou e abençoa. Nunca fiquei sem trabalho e quando ficava, fazia salgadinho e saía vendendo. O povo dizia tem que ter fé em Deus e disposição de fazer tudo de melhor como se fosse para você, como se tivesse fazendo para Cristo Jesus, aí ele te dá em dobro e esse ensinamento que me fez vencer.

Eu sou feliz! Arranjei um terreno onde moro há 23 anos, no Bosque dos Caboclos, onde conheci dona Hellen, a gente é vizinha. Tenho um projeto da Agricultura Carioca Urbana com os meninos de 15 a 17 anos. Eles ficam olhando eu plantar nos copinhos, colocam a terra adubada, quando as sementes brotam e crescem colocamos nos canteiros: taioba, tomate, pimentão, cebola, coentro, cheiro verde, hortelã. Sinto prazer porque sou

voluntária e ajudo alguém, mesmo com uma perna só e a outra Jesus segurando. Caminhar com Deus é muito bom. Eu não vou todo domingo à igreja, mas converso com Deus, dou bom dia a ele, Jesus de Nazaré, Divino Espírito Santo, a Virgem Maria Mãe de Deus. Todos os anjos da corte do céu. Também dou bom dia aos meus cachorros e às minhas plantas.

Minha história é longa e sofrida. Sofri 16 atentados de morte, faca, facão, revólver, mas passou. No Rio de Janeiro não passei fome, não passei sede. Porque Deus me defendeu dos atentados de morte? Porque ele estava comigo. Aprendi assim, pode ter todas as orações, mas se não tiver o Pai Nosso ninguém rezou nada”.

DONA HELLEN: “Sou de Uganda no sul da África, a família que nem conheço mais ficou lá. Fui criada na mata, dormindo em árvore, na tribo de meu pai. Com cinco anos ia para a mata caçar os bichos para o ritual, pescar, fazer armadilha para pegar pessoas, uma parte da minha família era canibal. Eu era noiva aos oito anos de idade, mas a minha mãe queria outra vida para mim. Tinha que aceitar o casamento com um homem mais velho e eu não queria. Me deram uma surra e me botaram em uma joça para casar no dia seguinte. Minha mãe saiu comigo de madrugada. Fugimos. Passei por estupro, trabalho escravo, imigração ilegal. Viajamos o tempo todo sem dinheiro. Minha mãe começou a trabalhar na casa de família e eu cuidava de jardins. Sempre gostei de mata, odeio casa, gosto do jardim, de ficar no tempo.

Na África eu cantava, tocava percussão. Fazia meus instrumentos. Coloquei esses dons em prática. Minha mãe trabalhava e eu cantava. Encontrei preconceito racial, nós não podíamos viajar nos ônibus e nem estar na praia. Ela fazia todo o serviço, mas não podia ser vista porque era negra. Não podia estar na sociedade. Com nove, dez anos, ela me ensinou fazer alguns quitutes.

A história da minha vida é pesada e triste. Minha mãe foi para outra residência trabalhando no México e arranhou uma família de franceses para ver se eu me adaptava a trabalhar dentro de casa. Nessa casa tinha um piano na sala, eles ouviam Frank Sinatra,

Doris Day, e eu cantava na cozinha. Tinha voz aguda de criança e um dia essa família ouviu e quis conhecer quem estava cantando. A mulher disse ‘é a criada, ela é negra não pode vir aqui na sala’. Mesmo assim me chamaram. Começaram a tocar o piano e eu a cantar. A mulher falou ‘que menina bonitinha parece uma boneca de piche’. Ela me pediu emprestada e eu fui, cantava nessa casa, me deram roupas, sapatos, meias de seda, trancinhas. Levaram-me para o México. Lá comecei a cantar nos cabarês, jazz, merengue, música africana, tocava percussão. Depois fui trabalhar nos navios, fui faxineira de porão e cozinheira, mas vivia escondida por ser ilegal.



Dona Izabel e Dona Hellen partilhando os encontros e desencontros da sua história de vida. Foto: Miguel Ahumada

Aqui no Brasil, em Botafogo, fui cantar com Carlos Machado, mas nunca vi o dinheiro. Quando descobriam uma pessoa sem documentação, os homens de terno vinham, fechavam a casa e faziam sexo com as várias imigrantes, e se não fizesse era ameaçada de deportação. Fui para Baixada Fluminense, comecei a estudar, cantar música brasileira. Conheci um rapaz e casei, comprei uma casinha, montei negócio, dava aulas de inglês, espanhol e falava um pouco de francês. Meu marido não gostava de trabalhar, tive três filhos com ele, um morreu à míngua, aí me separei e fiquei sozinha com os dois filhos. Tive outros, um filho por ano, no total ficaram cinco.

Certo dia, uma amiga disse que tinha uma ocupação no Caboclo. Eu morava no apartamento que o marido que foi para Espanha deixou, mas não pagou nada e levou os documentos. Ele vendeu o apartamento comigo lá dentro. Peguei meu facão, carrinho de mão, machado, foice e fui para a ocupação. Não tinha terreno para mim, mas fui convidada a cantar para

ninguém dormir. Sentei no chão peguei o violão, eles queimando pneus, umas 250 famílias. Chovia muito, as donas não sabiam fazer nada, as crianças na lama, subi morro acima e pensei agora vou usar o que aprendi na África. Cortava tronco, arrastava e fazia as escavações. Peguei dez crianças para tomar conta a dez reais, para fazer o espaço que eu tenho hoje.

‘E eu junto’, diz a amiga Izabel. Ganhei o terreno que era de um rapaz que queria me namorar e que perdeu, porque pretendia fazer uma casa de show para a gente cantar e ali ninguém poderia ter comércio, só o deles. A dona Izabel de Maria me viu passando, num sol de 40 graus, mês de

fevereiro, eu lá escavando, cheia de lama, mexendo a massa de cimento e eu disse a ela: ‘é a creche, eu vou tomar conta das crianças’. Daí ela começou me dar de comer. Fizemos um cômodo, começou a chover, não tínhamos casa, não tínhamos força para colocar as telhas, um homem fez isso para nós. E, quem não ficasse na ocupação perdia as terras. Só que as mães tinham que trabalhar e eu passei a tomar conta das crianças.

Sentava no chão, tocando violão, cantando e cuidando das crianças. Com o dinheiro que recebia, comprei janelas, pia do banheiro, cada mês comprava um objeto para a casa.

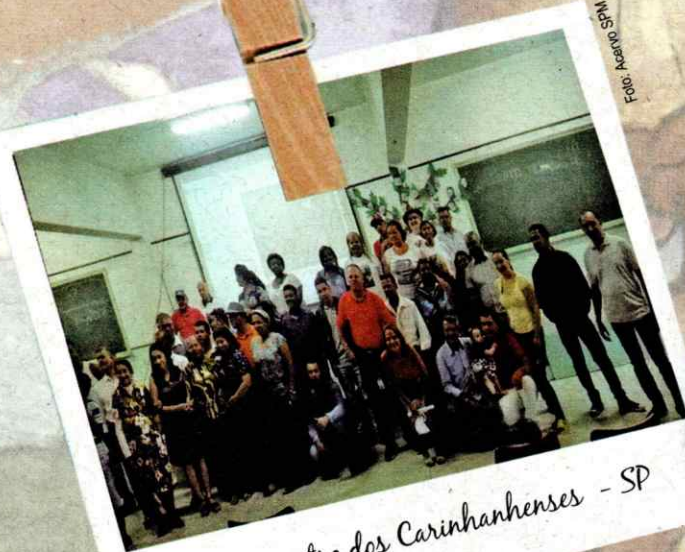
A experiência na África foi sofrida, mas temos que tirar proveito de tudo na vida para ter sabedoria para viver. Se eu tivesse ficado lá, não sei se estaria viva porque eu era rebelde, respondia, eu só vivia de castigo. Não queria ficar rica, queria liberdade, essa liberdade que tenho hoje. Esse tempo que passei lá que sirva para meus filhos, netos, bisnetos. Ninguém tem que ser senhor da nossa mente, nós temos que ter poder, sabedoria, buscar de dentro de nós a força, porque tudo está dentro de nós.

Hoje, dou aula de Tai Chi Chuan, inglês, desenho, ginástica para as coroas, sem apoio de ninguém, e estou na Associação de Moradores como presidente. Quem manda no Caboclo são as coroas, os cachorros e as crianças. Eu sustento os encargos da associação, que dá comida para o povo, não tenho vício, meu vício é cantar e foi assim que eu me libertei da escravidão”.



Missão em Barro Duro - PJ

Foto: Azevêo SPM



24º Encontro dos Carinhanhenses - SP

Foto: Azevêo SPM

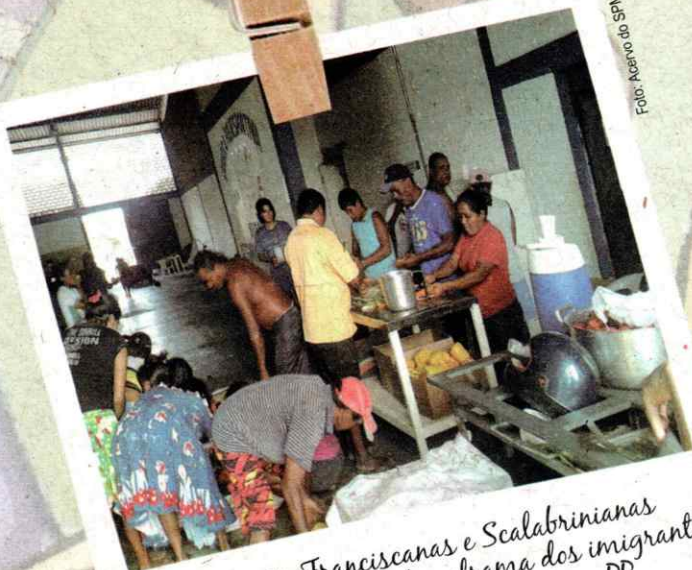


1º Encontro Mulheres Quilombolas, Vale Jequitinhonha - MG

Foto: Azevêo SPM

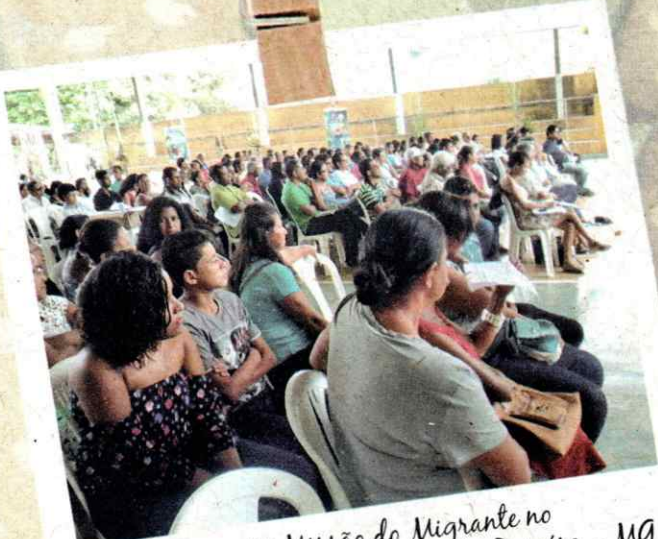


Caminhada pela paz com o povo do Congo - RJ



Irmãs Franciscanas e Scalabrinianas acompanham de perto o drama dos imigrantes venezuelanos em Boa Vista - RR

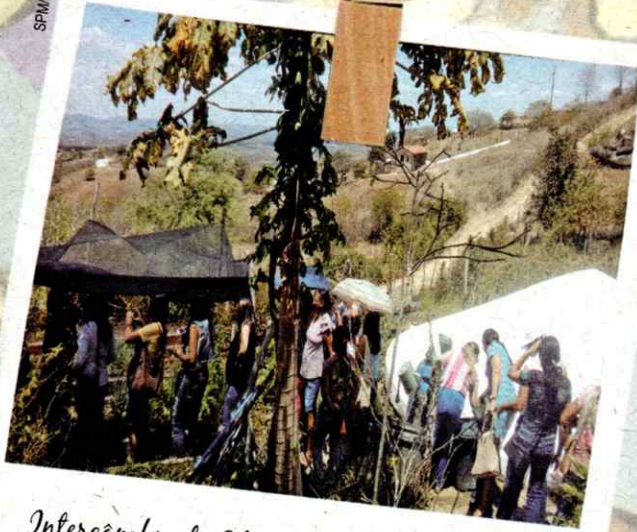
Foto: Azevêo SPM



32ª Missão do Migrante no Vale do Jequitinhonha, Padre Paraíso - MG

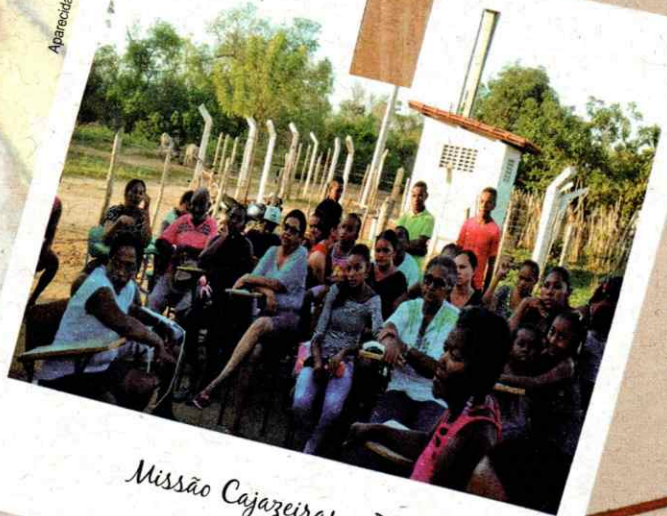
Foto: Veridiana Vieira

SPM/NE



Intercâmbio de Educação Contextualizada e Produção Agroecológica, Ingá - PB

Aparecida Fátima de Paula



Missão Cajazeiras - PJ

Foto: Apoio Caritas/Pastoral dos Migrantes - PR



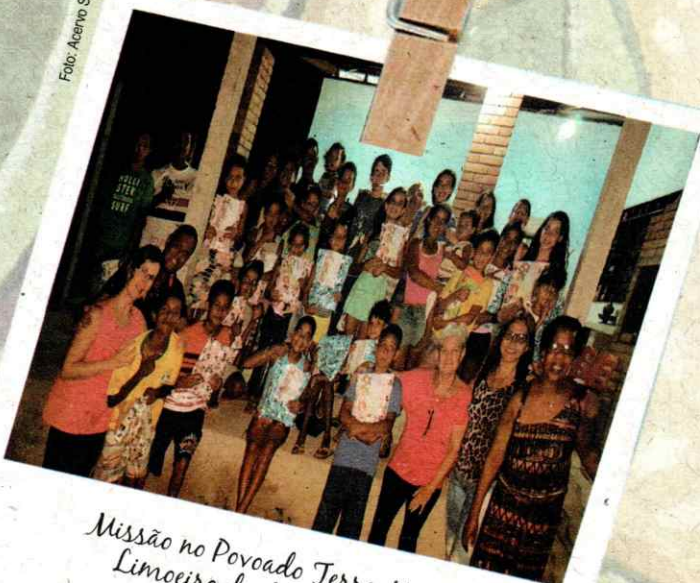
Encontro de Convivência e Confraternização por ocasião do Dia Internacional do Imigrante, Londrina - PR

Elisandra Vinícius



Roda de conversa sobre Saúde e Direitos da Mulher Haitiana, Cuiabá - MT

Foto: Apoio SPM



Missão no Povoado Terra Nova, Limoeiro de Anadia - AL

Foto: Miguel Ahumada



Equipe da Secretaria Nacional do SPM visita a equipe da Pastoral dos Migrantes de Guariba, SP

BEM VIVER: OUTROS MUNDOS POSSÍVEIS

ARIVALDO SEZYSHTA E ROBERTO SARAIVA

Seguimos perseguindo o paradigma do Bem Viver, entendido como oportunidade de imaginar e viabilizar outros mundos possíveis porque já em curso, na efetivação de comunidades autossustentáveis e ecologicamente responsáveis.

Em teoria, o Bem Viver é “um primeiro esforço para compilar os principais conceitos, algumas experiências e, sobretudo, determinadas práticas existentes” (ACOSTA, 2016, p.24). Na prática, o Bem Viver remete às experiências que efetivam o exercício horizontal do poder, que está, lentamente, recriando e reinventando o mundo a partir do âmbito comunitário, considerando a natureza como sujeito de direitos, aceitando que os ecossistemas e seres vivos têm um valor intrínseco, ontológico.

Em resposta à opressão, as vítimas se mobilizam e se organizam, em geral, a partir da luta pelo sagrado direito a viver dignamente na e da própria terra, entendida enquanto condição da vida e não enquanto um bem a mais da economia de mercado.

Essa propositura – de que a terra é a condição para a vida e não instrumento de lucro – pode ser viabilizada para além de um território específico, pois os direitos e a irmandade dos povos podem ser compreendidos a partir da percepção de que as identidades são relacionais: extrapolam as fronteiras e nós precisamos compreender isso, dialogar com isso, se quisermos contribuir na construção da vida.

“A que resistir?”, perguntam as vítimas. Talvez seja uma pergunta chave para entender a construção das novas identidades compartilhadas, solidárias, includentes. “Resistir a tudo o que se contrapõe ao desenvolvimento da vida”, nos respondem, ensinando que é a vida humana o horizonte de uma ação pastoral que não seja alegoria do poder vencedor e de uma ação política que não seja responsável pela alienação e a morte, mas, ao contrário, dê sua humilde

contribuição à libertação dos oprimidos.

Uma pergunta importante que temos feito é: para onde caminha a humanidade? A tomada de consciência da questão ecológica impõe essa pergunta ética, da mesma forma que obriga a se perguntar sobre o sentido da vida, da existência, possibilitando a abertura a um novo paradigma civilizatório, recuperado dos povos originários através do conceito e da práxis do Bem Viver. Assim, a questão ecológica integral, na qual o Papa Francisco se debruça na *Laudato Si*, é bastante reveladora: traz como imperativo repor o sentido da vida humana, o lugar que ocupamos no mundo, que é a crise de referencial último da existência. A encruzilhada na qual nos encontramos já representa um limite absoluto, com exigências de redução da produção e igualmente do consumo.

Para isso, reportamo-nos aos povos originários e sua sabedoria milenar, sintetizada a partir do conceito de Bem Viver, fundamental diante do limite absoluto material ecológico do capital, que é a existência limitada de recursos e de meios de produção não renovados no planeta. A terra que, diante da sanha do capitalismo verde, está sendo comercializada em bolsas de valores, como uma mercadoria a mais.

O Bem Viver também permite aprofundar a crítica ao capitalismo que produz bens com valor de uso, mas não tem como finalidade primordial satisfazer as necessidades humanas. Sua prioridade é o lucro gerado pela venda das mercadorias. E faz isso roubando a vida do trabalhador e usando a natureza de forma irresponsável, predatória. Já “o Bem Viver tem um forte sentido presente, contrapondo-se à iniquidade própria do capitalismo, em que poucos vivem bem em detrimento da grande maioria” (ACOSTA, 2016, p. 16).

Assim, torna-se necessária outra exigência normativa, que pode ser



Foto: <http://www.centrosabla.org.br/calendarios>

viabilizada pelo Bem Viver e por economias, como a Economia Solidária (MANCE, 1999) ou com a proposta do decrescimento (LATOUCHE, 2009), não como crescimento negativo, mas como espaço de alternativas a nos ensinar que a felicidade está na convivência e não no consumo. Afinal, “viveríamos melhor de outra maneira”, fora de um sistema que nos leva à catástrofe.

Há que perguntar sempre: de que somos prisioneiros para que precisemos nos libertar? Somos prisioneiros do “sempre mais”, da acumulação infinita, do culto ao dinheiro, do crescimento infinito, da ideia de desenvolvimento e do lixo nosso de cada dia, da certeza da extinção. Numa frase: somos prisioneiros do capitalismo, essa “máquina de moer pobre”.

Mas, mais que isso, somos seres de esperança. Na construção do Bem Viver encontramos espaço e oportunidade para, “imaginar outros mundos”, possíveis porque já sendo vividos na afirmação de comunidades autossustentáveis, nas “cidades em transição”, onde politicamente é possível se decidir que a qualidade de vida é importante, para todos. Assim, entendemos o Bem Viver enquanto “uma filosofia em construção, e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas” (ACOSTA, 2016, p.14). Vivendo em aprendizado e convivência com a natureza, o Bem Viver, o recuperar a sabedoria ancestral dos povos originários, permite o rompimento “com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo e todos em coisa” (ACOSTA, 2016, p.15). Trata-se de colocar-mo-nos em decrescimento, serenamente, e já estamos caminhando na direção do Bem Viver.

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

DUSSEL, Enrique. *14 Tesis de Ética: hacia la esencia del pensamiento crítico*. Madrid: Trotta, 2016.

LATOUCHE, Serge. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MANCE, Euclides. *A Colaboração Solidária: compreendendo, transformando e conectando o que já existe*, 1999 - www.ifil.org/r/cs/biblioteca/mance3.htm

XENOFOBIA NA CONTRAMÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS MIGRANTES: PARA ONDE CAMINHAMOS?

BRENO SERVIDONE MORENO; DIRCE TREVISI P. NOVAES; JOSÉ CARLOS PEREIRA

O presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump, fez uma campanha eleitoral populista racista, antisemita, antimuçulmano, xenófoba contra imigrantes, refugiados, mulheres, e quer construir mais um muro na fronteira com o México, insuflando o sentimento de uma América para os americanos brancos.

Em janeiro de 2017, Donald Trump publicou um Decreto Presidencial que impedia a concessão de vistos para migrantes e refugiados de 7 países (Irã, Iraque, Líbia, Somália, Sudão, Síria e Iêmen) por 90 dias. Além disso, proibia a entrada, por 120 dias, a qualquer refugiado nos EUA, e criava um regime especial para os sírios, banidos por tempo indeterminado. Imigrantes sem documentos e crianças nascidas nos EUA não estão a salvo. Os pais serão deportados e terão que deixar seus filhos menores sob a custódia de outras pessoas ou do Estado, a não ser que os registrem como nacionais dos seus países de origem (O Estado de S.Paulo, de 26/02/2017).

Políticos, juízes, artistas, organizações e cidadãos comuns se opuseram à Trump. O juiz James L. Robar embargou o Decreto argumentando que o mesmo é inconstitucional, antidemocrático. Trump teve que recuar. Acabou propondo um novo Decreto, também polêmico, e hoje o caso



Foto: <http://www.revistaplaneta.com.br/por-que-eles-nao-podem-passar/>

tramita nos Tribunais de Justiça dos EUA.

Crise do capital e a contribuição dos migrantes para a economia mundial. A atual crise capitalista espalhou-se e pôs fim a um ciclo de crescimento econômico mundial; conflitos sociopolíticos sacodem a Síria, Líbia, Somália, Nigéria, Afeganistão, Iraque, Eritreia, intensificam as migrações para a Europa, e uma “crise de refugiados”. A União Europeia (UE) resiste em aceitar migrantes e refugiados. O seu argumento é que os imigrantes aumentam a concorrência por vagas de emprego e criam vários problemas sociais, além dos riscos de ataques terroristas. Porém,

em muitos casos, esses argumentos são utilizados para camuflar a intolerância cultural e a xenofobia. Pois, na verdade, os migrantes contribuem para a economia desses países.

O McKinsey Global Institute mediou a contribuição dos imigrantes para a economia mundial em 2015. A soma total das riquezas produzidas por eles foi de 6,7 trilhões de dólares. As remessas feitas pelos migrantes aos seus países de origem somaram 580 bilhões de dólares. Este valor corresponde a 10% de toda a produção dos migrantes. E os outros 90%, para onde foram?

As Tabelas 1 e 2 mostram que em 2015 os migrantes produziram uma riqueza de 6,7 trilhões de dólares. Deste valor, eles ficaram com apenas 10%, e 90% ficaram para os países onde trabalham, sendo a América do Norte e a Europa quem mais se beneficiaram. A riqueza produzida pelos migrantes (US\$6,7 trilhões) é maior que a soma das riquezas (US\$5,9 trilhões) de Reino Unido e França. Os migrantes ainda

TABELA 1

Total de riquezas produzidas por países e pelos migrantes em 2015 (em trilhões de dólares)

Estados Unidos	China	Reino Unido	França	Brasil	Migrantes
18,0	11,0	3,0	2,9	1,9	6,7

Fonte: McKinsey Global Institute/Banco Mundial – 2016.

contribuem para as trocas culturais e a democracia.

Muro entre os EUA e o México. Donald Trump quer construir mais um muro entre os EUA e o México. O motivo? Impedir que imigrantes mexicanos, caribenhos, latino americanos cheguem aos EUA. Trump exige que a construção do muro seja custeada pelos mexicanos, como uma forma de punição por terem emigrado aos EUA.

O povo mexicano se sentiu ultrajado. Ultrajadas também foram a América Latina e o Caribe. Contra esse ultraje caberiam ao menos três ações: a) ação dos governos latino americanos e caribenhos contra a xenofobia de Trump; b) manifestação de indignação de movimentos sociais da América Latina e Caribe, e defesa dos direitos civis que, em tese, são comuns nos países democráticos; c) manifestação conjunta dos Órgãos internacionais de direitos humanos.

Efeito Trump na Argentina. O presidente Mauricio Macri publicou um Decreto de Necessidade e Urgência e mudou a Lei de Migração "Pátria Grande" para incluir as "causas impeditivas de entrada e permanência de estrangeiros em território nacional". Seu argumento? Combate ao tráfico de drogas. Ele quer construir um Centro de Detenção para Migrantes e Refugiados sem documentos no país. Dentre a população encarcerada, 21,3% são migrantes. Juristas e órgãos internacionais se opuseram. Documento irregular não é motivo para prender imigrantes. A Argentina tem 4,5% de imigrantes em sua população: 30,5%

TABELA 2		Continentes que mais se beneficiaram com a riqueza produzida pelos migrantes em 2015 (em trilhões de dólares)	
América do Norte	Europa	Países do Golfo	Oceania
2,3	2,3	0,6	0,4

Fonte: McKinsey Global Institute/Banco Mundial – 2016.

“ PERSISTIRÁ O DRAMA DE MILHARES DE MIGRANTES EM BUSCA DE MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA, CASO NÃO SE RESOLVA A CRISE DO CAPITALISMO E SUAS FORMAS SOFISTICADAS E BÁRBARAS DE EXPLORAÇÃO, CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES, VIOLÊNCIA E A POBREZA GALOPANTE. ”

paraguaios, 19,1% bolivianos, e 8,7 são peruanos.

O Brasil e a sua Nova Lei de Migração no contexto desse debate. Aqui, há cinco questões vinculadas ao debate internacional: a) foi aprovada no Senado Federal a Nova Lei de migração que prevê o trato humanitário com os migrantes. Como acompanhar e participar do processo de regulamentação da nova Lei?; b) aumento das solicitações de vistos de refúgio no Brasil, e a lentidão do Estado para atender aos pedidos; c) intensificação da entrada

de imigrantes venezuelanos que procuram escapar da forte crise que abala a Venezuela; d) forte circularidade migratória interna e internacional; e) crise econômica, social e política no Brasil. O capital, personificado nos bancos, agronegócio e empresas transnacionais, exige que o debilitado governo Michel Temer faça as reformas da Previdência e a Trabalhista que tornarão mais difícil a vida dos trabalhadores, sejam eles migrantes nacionais ou internacionais.

Para onde caminhamos? A extrema-direita tem obtido bons resultados eleitorais mundo afora. As eleições gerais na França e na Alemanha, respectivamente, em abril e setembro, poderão suscitar consequências nefastas para a Europa, assim como já ocorre nos EUA com Trump. Encontrar uma solução humanitária para o trato com refugiados e migrantes não está no horizonte da UE. Persistirá o drama de milhares de migrantes em busca de melhores condições de vida, caso não se resolva a crise do capitalismo e suas formas sofisticadas e bárbaras de exploração, criminalização dos migrantes, violência e a pobreza galopante.

As ações de Trump, de Macri, o fechamento da UE aos migrantes e as reformas governamentais no Brasil são expressões de uma crise humanitária. Para sairmos dela não há caminhos prontos e soluções simples. Faz-se necessário abrir espaços às novas lideranças, novos saberes, pedagogias e práticas capazes de autocrítica e de revitalizar esperanças, forças e gestos concretos que signifiquem outro mundo possível, alforriado de muros, de intolerâncias; grávido de convivência e amor. É possível?



Equipe da Pastoral dos Migrantes do Piauí.
Foto: Acervo SPM

PRA NÃO DIZER QUE NÃO CONHEÇO O AMOR E NÃO FALEI DE PAZ

SÉCULOS FERREIRA

Pra falar de amor
É amar como se o amor fosse parte de mim
Pra viver o amor
É praticar a paz sem dor
Pra evitar a dor
É preciso conhecer o amor

O mundo fala de PAZ
O mundo fala de AMOR
Mas o mundo não conhece a paz
O mundo não conhece o amor
Pois se quem necessita de paz
Se quem necessita de amor
Se encontra abandonado
No mundo que um dia um Ser maior criou
Administrado por homens
Que não conhecem a PAZ
Que não conhecem o AMOR
Que se os conhecesse
Não praticava o ódio
Não permitia a dor

Pensem nas crianças abandonadas
Que nas ruas fazem suas moradas
Pensem nos milhões de homens
Sem destino e sem identidade
Pensem nas mulheres sendo maltratadas
Pensem nos rios poluídos
Animais abandonados
Contrabandeados
Os marginalizados
Os desempregados
Os desnaturalizados
Os encarcerados
Os não politizados
Os irmãos escravizados
Os não alfabetizados
Os sem teto
Os no mundo desgarrados.

CANUDOS-BA E SUA CULTURA REGIONAL



Artesanatos de Canudos foram levados no 15º Encontro dos Canudenses, em 21.11.2015, em Pirituba, zona norte de São Paulo. O grupo de Canudos é formado por pessoas que migraram de Canudos para São Paulo e que cultivam a memória da luta dos canudenses, há 100 anos atrás. O grupo possui uma associação (UPIC – União Pelos Ideais de Canudos), que anualmente promove encontros de confraternização, com forró e temas ligados à Canudos.

TIRINHAS DO JOÃO



BALAI



O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, criou novas normas para acelerar a deportação de imigrantes ameaçando cerca de 11 milhões de indocumentados.

As construções para a Copa do Mundo de futebol 2022, no Qatar, custarão cerca de 30 bilhões de dólares. Trabalhadores sofrem com longas jornadas e calor intenso.

Terceirização: em média os trabalhadores terceirizados trabalharam 3 horas a mais e recebem 24% menos do que os efetivos.

A gestão João Dória (PSDB) cortou dois programas de incentivo à cultura nos 46 CEUs (Centros Educacionais Unificados), Ligados à Secretaria de Educação. Mais de 4.000 mil alunos foram prejudicados.

O presidente Michel Temer se aposentou em 1996, com 55 anos de idade, em maio de 2016 o salário bruto dele passou para R\$ 22.100,00.

Na crueldade de acumular mentiras como quem acumula sorrisos/toda barragem cede, toda mente padece e todo coração chora de um olho seco/que sangra de sangue e lama/fez-se outro rio. (da poesia de Criolo, sobre o desastre em Mariana).

Estudantes estrangeiros de graduação e pós-graduação poderão solicitar o status de trabalhador temporário no Brasil pelo sistema Migrante Web, disponibilizado pelo Ministério do Trabalho.

O Conselho Nacional de Imigração (CNIg) publicou no dia (22/2) a Resolução Normativa Nº 125/2017, que permite a concessão de residência temporária, pelo prazo de até dois anos, ao estrangeiro que tenha ingressado no território brasileiro por via terrestre e seja nacional de país fronteiriço.

O Relator da reforma da Previdência, deputado Artur Maia, PPS/BA é sócio de uma empresa que deve R\$ 151.986,22 ao INSS.

ONDE SE INFORMAR:

<https://spmigrantes.wordpress.com/>
<http://spminforma.blogspot.com.br/>
Programa Latinoamerica no Ar Radio
9 de Julho 1600 Khz . Am
Domingo 18:30 hrs com Patricia
Rivarola e Miguel Ahumada
<http://www.radio9dejulho.com.br/>
Acesse a Rádio migrantes español :
<http://radiomigrantes-es.net>